

SANTOS SUDÁRIOS DO SENHOR JESUS

O Sudário de Oviedo

Segundo uma tradição, a antiga capital das Astúrias conserva desde o século VIII o “Sudário do Senhor”. Pesquisas científicas reconheceram nele manchas de sangue compatíveis com as do Sudário de Turim.

Por Lorenzo Bianchi.



O Sudário de Oviedo (Astúrias, Espanha). Segundo uma tradição, é o lenço com que foi coberto o rosto de Jesus durante a deposição da cruz e o transporte para o sepulcro. As manchas de sangue nele impressas são compatíveis, no que diz respeito à composição, ao tipo sanguíneo e à difusão geométrica, com as encontradas no Sudário de Turim.

Realizam-se há vários anos, embora pouco conhecidas pela maioria, pesquisas científicas sobre o sudário conservado na Catedral de São Salvador de Oviedo (Astúrias, norte da Espanha).

Trata-se de uma peça de tecido retangular, parcialmente regular, de linho, com cerca de 53 por 86 centímetros, de composição igual à do Sudário de Turim, no que diz respeito às dimensões das fibras, à fiadura e à torcedura, com exceção da trama, cuja urdidura é ortogonal, enquanto a do Sudário de Turim é no formato de espinha de peixe. A olho nu, vemos apenas manchas de cor castanho-claro, de variada intensidade, que revelaram-se oriundas de sangue humano; exames microscópicos mostraram também outras manchas de sangue (algumas puntiformes), além de vestígios de pólen, de aloé e de mirra.

Fontes históricas tradicionalmente relacionam o Sudário com a paixão de Jesus; o Sudário é exposto aos fiéis três dias por ano: na Sexta-Feira Santa e no primeiro e no último dia do Jubileu da Santa Cruz, ou seja, em 14 de setembro (festa da Santa Cruz) e 21 de setembro (festa de São Mateus).

A história

As notícias que nos chegaram a respeito de sua história derivam sobretudo da reconstrução medieval feita no *Liber Testamentorum* por Pelágio, bispo de Oviedo de 1101 a 1130 (ano em que foi deposto), e que morreu em 1153. Pelágio afirma que o Sudário, proveniente do sepulcro de Jesus, foi preservado em Jerusalém, com outras relíquias, numa arca de madeira de cedro, e que ali permaneceu até a época da conquista da cidade pelas mãos dos persas de Cosroes II, em 614, quando um monge de nome Filipe fugiu, levando-a para Alexandria do Egito. Quando os persas chegaram também ali, em 616, Filipe transportou a arca do Norte da África para a Península Ibérica, entregando-a a São Fulgêncio, bispo de Ecija, que a deu a seu irmão, São Leandro, bispo de Sevilha (na realidade, Leandro morreu por volta do ano 600). Santo Isidoro,

também irmão de Leandro e seu sucessor, doou-a a seu aluno Santo Ildefonso (607-667), que, quando foi consagrado bispo de Toledo, em 657, levou-a consigo para a capital do reino hispano-visigótico.

Podemos acrescentar a essas notícias de Pelágio uma referência feita ao “Sudário do sepulcro de Cristo” em 570 pelo peregrino Antonino de Piacenza, que sabia de seu paradeiro na gruta de um mosteiro localizado às margens do rio Jordão, perto de Jericó (mas não afirma tê-lo visto); ao mesmo tempo, São Bráulio, bispo de Saragoza de 631 a 651, fala de ter reencontrado o Sudário (não fica claro onde, mas, provavelmente, na Espanha). Outro peregrino, porém, o bispo Algulfo, diz ter visto o Sudário em Jerusalém em 670.

Ainda segundo Pelágio, de Toledo, por medo dos árabes, que tinham começado a invasão da Espanha em 711, o Sudário e as outras relíquias, postos numa nova arca de carvalho, foram transferidos diretamente para Oviedo, nas Astúrias. Uma outra tradição, talvez mais confiável, diz que nessa ocasião o Sudário e as relíquias foram escondidos num eremitério no alto do Monsacro, uma montanha a dez quilômetros de Oviedo. Só por volta de 840 o rei das Astúrias Afonso II, o Casto (791-842), teria levado esses objetos para Oviedo: para tanto, mandou construir dentro de seu palácio a “Câmara Santa”, uma capela que desde então hospeda a arca com as relíquias (atualmente, a capela está incorporada ao interior da catedral gótica de São Salvador, construída no século XIV).

Depois de uma possível abertura da arca que talvez tenha ocorrido nas primeiras décadas do século XI, um documento de 14 de março de 1075 (do qual se conserva uma cópia do século XIII no arquivo da Catedral de Oviedo) atesta um reconhecimento que teria ocorrido no dia anterior, na presença do rei de Castela e de Leão Afonso VI (1065-1109), e nos fornece o primeiro inventário do conteúdo da arca, mencionando expressamente “de Sudario eius [Domini]”. Essa menção aparece também no revestimento de prata da arca, encomendado pelo mesmo Afonso VI e realizado alguns anos depois de sua morte, como testemunha a data gravada no metal (1113).

Outro reconhecimento do conteúdo da arca ocorreu no tempo do bispo Diego Aponte de Quiñones (1585-1598), quando o rei Filipe II ordenou um novo inventário das relíquias, na presença de seu enviado Ambrosio de Morales.

A história do Sudário, portanto, tendo como fonte substancialmente a um testemunho muito tardio (de pleno século XII), pareceria não ter muitos requisitos de confiabilidade. No entanto, contra todas as expectativas, as pesquisas científicas não a contradisseram, antes reforçaram.



A Catedral de São Salvador de Oviedo (século XIV), que contém a “Câmara Santa” dentro da qual se encontra a arca que guarda as relíquias trazidas para Oviedo no século VIII: entre essas relíquias, o “Sudário do sepulcro de Cristo”

Investigações científicas

Os primeiros estudos sobre o Sudário se devem, a partir de 1965, a monsenhor Giulio Ricci, que levantou analogias desse objeto com o Sudário de Turim, que estudara em profundidade. Pesquisas mais recentes (o último congresso internacional de estudos sobre o Sudário realizou-se em Oviedo em abril de 2007), realizadas ainda hoje pelo Edices (Equipo de Investigación del Centro Español de Sindonología), puderam averiguar, em primeiro lugar, que o tecido foi depositado sobre o rosto de um homem, já morto, dobrado e fixado atrás de sua cabeça. Uma série de quatro manchas, especulares em ambos os lados do pano dobrado, mostrou-se composta por uma parte de sangue e seis partes de líquido hedemático pulmonar, substância que se acumula nos pulmões em razão da morte por sufocamento, como a que acontece depois de uma crucifixão. O homem a quem pertence o sangue presente no Sudário de Oviedo morreu, portanto, das mesmas causas do homem do Sudário de Turim.

Algumas das manchas se sobrepõem a outras, de modo que fica claro que estas já estavam secas quando se formaram aquelas; assim, os estudiosos puderam estabelecer também que o Sudário foi aplicado sobre o rosto do defunto em pelo menos dois momentos distintos. Entre as manchas, distinguem-se também impressões digitais, dispostas na região ao redor da boca e do nariz, provavelmente deixadas por alguém que procurava deter o fluxo de sangue do nariz, depois que o pano envolveu a cabeça. Além das manchas de líquido hedemático, aparecem outras, de um tipo diferente, entre as quais pontinhos de sangue causados por pequenos corpos pontiagudos, talvez espinhos.

Mas a coincidência mais notável é que as manchas no Sudário de Oviedo mostraram correspondência geométrica com as do Sudário de Turim, sendo, além disso, um pouco mais estendidas. A impressão do nariz, medida tanto no Sudário de Turim quanto no de Oviedo, apresenta o mesmo comprimento, de oito centímetros. Pesquisas realizadas em 1985 e repetidas em 1993 demonstraram que o sangue do Sudário de Oviedo pertence ao grupo AB, comum no Oriente Médio, mas raro na Europa, o mesmo encontrado no Sudário de Turim. Não obtiveram êxito, porém, os exames de DNA, cujo resultado foi fragmentado demais e, portanto, inutilizável, e de carbono 14, que deu uma datação do século VII d.C., considerada não confiável pelos próprios realizadores do teste, em razão da contaminação excessiva das amostras. São também do Oriente Médio, como ocorre no caso do Sudário de Turim, os grãos de pólen encontrados no Sudário de Oviedo, estudados em 1979 pelo biólogo Max Frei, que demonstrou que são incompatíveis com o ambiente palestino do século I. Em particular, Frei encontrou vestígios de pólen provenientes de seis tipos de plantas. Duas eram características da Palestina: *quercus calliprinos* e *tamarindus*. Os outros grãos de pólen provinham do Norte da África e da Espanha, confirmando, inesperadamente, o itinerário do Sudário descrito pelo bispo Pelágio.

Por fim, pertence também à Palestina do século I, igualmente ao que se dá no caso do Sudário de Turim, o tipo de lino, material de que é feito o objeto. Todos os resultados científicos parecem, portanto, levar a concluir que o Sudário de Oviedo e o Sudário de Turim tenham estado em contato com a mesma pessoa. E isso teria acontecido em momentos próximos, mas diferentes: certamente, primeiro o Sudário de Oviedo, depois o de Turim, tanto porque a maior amplitude das marcas pressupõe um sangue mais fluido, quanto pelo fato de, no Sudário de Oviedo, só haver sangue, mas não uma imagem negativa como a que aparece no Sudário de Turim, que sabemos ter sido formada num momento posterior ao das manchas de sangue. Levando em conta o que foi possível observar, foi levantada a hipótese de que o Sudário de Oviedo possa ser o lenço que, segundo o uso judaico, serviu para cobrir o rosto de Jesus durante o transporte da cruz para o sepulcro, mas que foi retirado antes que o corpo fosse envolto pelo Santo Sudário; justamente por estar empastado de sangue, teve de ser deixado no sepulcro (em obediência às prescrições fúnebres judaicas). Não podemos, porém, estabelecer se esse é o sudário que João viu e de que fala em seu Evangelho.

Existe um outro objeto que apresenta correspondências geométricas extremamente notáveis tanto com o Sudário de Turim quanto com o de Oviedo: o Santo Rosto de Manoppello.

O véu de Manoppello

Está conservada na região italiana dos Abruzos, desde o século XVII, a “Verônica” romana, *vera icona* de Cristo, “não feito por mãos humanas”. Uma imagem que mostra o rosto de uma pessoa real.

Por Lorenzo Bianchi



A igreja de São Miguel Arcanjo, em Manoppello, edificada em 1630, que desde 1638 conserva o véu do Santo Rosto. Foi praticamente reconstruída na década de 1960; a fachada é desse período.

“No tempo de Júlio II, pontífice romano, por volta do ano do Senhor de 1506, [...] vivia em Manoppello, terra muito civilizada e bem situada, rica e opulenta de todas as coisas necessárias à vida humana, nos Abruzos Exteriores, província do reino de Nápoles, Giacom’Antonio Leonelli, físico doutor [...]. Estava um dia Giacom’Antonio Leonelli em praça pública, quase à porta da igreja matriz cujo título é o de São Nicolau de Bári, em honesta conversa com outros seus pares; bem em meio ao colóquio, chegou um peregrino que ninguém conhecia, de aspecto religioso e muito venerando, o qual, recebendo os cumprimentos de uma tão boa roda de cidadãos, disse com termos plenos de gentileza e humanidade ao doutor Giacom’Antonio Leonelli que tinha de lhe dizer em segredo uma coisa que muito lhe agradaria, por ser-lhe de utilidade e proveito. Puxando-o, assim, à parte, até o limiar da igreja de São Nicolau, entregou-lhe um pacotinho e, sem desembrulhá-lo, disse-lhe que tivesse em grande conta aquela devoção, pois receberia de Deus muitos favores e sempre prosperaria tanto nas coisas temporais quanto espirituais. Afastando-se, com o pacotinho nas mãos, até a fonte de água benta, Giacom’Antonio começou a abri-lo. Ao ver a Santíssima Imagem do Rosto de Cristo Nosso Senhor ficou, a princípio, um tanto assustado, prorrompendo em lágrimas sinceras, as quais depois refreou, para não aparecer assim a seus amigos. Dando graças a Deus por um dom tão grandioso, dobrou a imagem como estava antes, dirigiu-se em seguida ao peregrino desconhecido, para agradecer-lhe e acolhê-lo em sua casa, mas não o viu mais. Espantado, quase gaguejando, perguntou aos amigos, que lhe afirmaram tê-lo visto entrar com ele na igreja, mas não sair dela. Cheio de admiração, mandou procurá-lo diligentemente dentro e fora de Manoppello, mas não foi possível encontrá-lo, pelo que todos acreditaram que aquele homem sob o aspecto de peregrino deveria ser um anjo do Céu ou outro santo do Paraíso”.

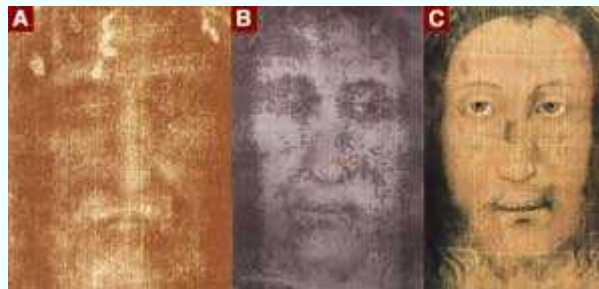
É assim que a *Relatione historica* de padre Donato da Bomba, composta entre 1640 e 1646, conta, com tons evidentemente lendários, a chegada do Véu do Santo Rosto a Manoppello. Desse ponto em diante, o que a *Relatione* diz é historicamente comprovado: em 1618, Marzia Leonelli, filha e herdeira de Giacom’Antonio, vendeu o véu a Donat’Antonio de Fabritiis, que, por sua vez, doou-o em 1638 aos capuchinhos instalados em Manoppello. Em 1646, um ato notarial autenticaria a doação. O véu, muito danificado e desfiado, foi então limpo, recortado e arranjado numa moldura, como diz ainda a *Relatione*: “O próprio padre Clemente, tomando a tesoura, cortou todos aqueles farrapos ao redor e, purificando muito bem a Santíssima Imagem de toda a poeira, as traças e outras sujeiras, deixou-a como hoje se encontra. O acima referido Donat’Antonio, desejoso de gozar dessa Santíssima Imagem com maior devoção, mandou-a esticar num caixilho de madeira, com cristais de um lado e de outro, ornado com labores em

nogueira por um de nossos frades capuchinhos, chamado frei Remigio da Rapino (pois não confiava em outros mestres seculares)”.

A moldura e os vidros são os mesmos que até hoje compõem o ostensório que abriga o Véu do Santo Rosto, exposto num santuário nas imediações de Manoppello (município pertencente à província italiana de Pescara, mas à diocese de Chieti).

Uma imagem única

As características do véu e da imagem que nele aparece são únicas. O véu, de 17, 5 por 24 centímetros (mas originariamente maior, como nos diz a *Relatione*, embora não saibamos quanto), é um trabalho de tecelagem finíssimo (ainda que sejam perceptíveis algumas imperfeições na trama), empregando fios de cerca de um milímetro e espaço entre um e outro de cerca de dois milímetros; parece ter cor dourado-escura, dependendo da perspectiva de visão e da iluminação, e é transparente. Em razão da cor e da transparência, há uma hipótese de que o tecido seja fabricado com bisso marinho, filamentos trabalhados de um molusco denominado *Pinna nobilis*. O bisso marinho é um tecido finíssimo, de brilho semelhante ao da seda, à qual se assemelha também pela sensação tátil, de uma leveza quase impalpável. A hipótese sobre o tecido foi feita em 2004 por Chiara Vigo, uma das últimas tecelãs a usar esse material, mas ainda espera por uma confirmação definitiva, que poderá ser obtida, se não por exame direto (que não é possível hoje, em razão da disposição do véu entre dois vidros), pelo menos por pesquisas morfológicas e estruturais a serem realizadas com instrumentação específica. No véu está impresso um rosto de frente alta, com cabelos compridos que chegam até os ombros, bigodes ralos e barba bipartida. Os olhos têm uma posição particular: estão ligeiramente voltados para o alto, mostrando o branco do globo ocular sob a pupila. O rosto não fica visível quando o véu é observado em transparência, mas apenas quando disposto sobre um fundo opaco; o que é singular é que a imagem aparece especularmente e com a mesma intensidade de cor tanto na frente quanto no verso. O véu aparentemente se comporta como uma película fotográfica positiva. O rosto é claramente assimétrico, com um lado mais inchado; há manchas evidentes, que poderiam ser interpretadas como sangue, em particular perto da boca e do nariz, que parece tumefato. As manchas são bidimensionais e não seguem o relevo do rosto.



A – o rosto do Sudário de Turim;
B – sobreposição do rosto do véu de Manoppello ao rosto do Sudário de Turim;
C – o rosto do véu de Manoppello (por Blandina Paschalis Schlömer).

Pesquisas iconográficas e históricas

A tradição popular venerou o Santo Rosto de Manoppello por mais de quatrocentos anos, como uma relíquia, atribuindo-lhe o caráter de *acheiropoietos* (termo grego que significa “não feito pela mão humana”). Mas apenas nos últimos anos do século passado começaram a ser feitas pesquisas sobre esse objeto. Os resultados dessas pesquisas, relacionadas à história e à própria natureza da imagem do Santo Rosto, são até agora certamente muito parciais, mas também surpreendentes.

Nos estudos de irmã Blandina Paschalis Schlömer, pintora e estudiosa dos ícones, a pesquisadora defende uma relação muito estreita entre a imagem do Véu de Manoppello e o rosto impresso no Sudário de Turim (esta última imagem foi determinada pela oxidação das fibras de linho mais superficiais de que o lençol é composto; como todos sabem, as pesquisas

científicas realizadas nos últimos cem anos não conseguiram ainda determinar a causa dessa oxidação). A relação seria tão estreita a ponto de permitir uma compatibilidade total, com uma série de pontos de contato, quando é feita a sobreposição do Santo Rosto com a face impressa no Sudário (para completar, há ainda plena compatibilidade desses dois objetos com as manchas de sangue que aparecem no Sudário de Oviedo).

Ao mesmo tempo, existem duas diferenças fundamentais entre as duas imagens: em primeiro lugar, a imagem do Sudário de Turim apresenta os olhos fechados e um rosto de aparência mais rígida e ossuda, enquanto o Santo Rosto tem os olhos abertos e aparência mais relaxada; em segundo lugar, nem todas as feridas que aparecem no Sudário de Turim estão também no Santo Rosto, e as que aparecem têm dimensões geométricas menores e são um tanto mais esmaecidas.

A primeira consequência da observação dessa correspondência entre as duas imagens foi a reconsideração da história da transmissão iconográfica do rosto de Cristo, no Oriente e no Ocidente; além disso, permitiu identificar o percurso do Santo Rosto nos séculos anteriores a sua inesperada e misteriosa chegada a Manoppello. Em 31 de maio de 1999, o professor Heinrich Pfeiffer, jesuíta, um dos maiores especialistas em arte cristã (Icônica História da Arte na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma), depois de anos de testes, comunicou o resultado de suas pesquisas na sede da Associação de Imprensa Estrangeira, em Roma; em resumo, dizia ter sido encontrada a verônica romana, a famosa imagem do rosto de Cristo *acheiropoiotos* conhecida em Roma entre os séculos XII e XVII, época em que, conservada na Basílica Vaticana, era exposta periodicamente à veneração dos fiéis. Uma tradição antiga atribuía essa imagem ao episódio da mulher que teria enxugado com um lenço o rosto de Jesus durante a subida para o Calvário – essa mulher se chamaria Verônica, nome que podemos interpretar como a provável corrupção dos termos *vera icona*, “verdadeira imagem”.



O ícone do Sancta Sanctorum da Basílica de Latrão, conhecido por fontes antigas como “acheropsita”. Do século VIII ao século XII, estaria coberto, segundo a hipótese de padre Heinrich Pfeiffer, pelo véu atualmente conservado em Manoppello, conhecido mais tarde em Roma como a “Verônica” (o “verdadeiro ícone”)

“O Santo Rosto é a Verônica romana”

Padre Pfeiffer já escreveu nestas páginas sobre as razões da identificação do Santo Rosto com essa relíquia que, em certa época, foi mais famosa que o próprio Sudário de Turim (H. Pfeiffer, “Mas a ‘Verônica’ está em Manoppello”, in: *30Dias*, nº 5, maio de 2000, pp. 78-79). Nesse artigo, afirmava, com argumentos mais que convincentes, que a Verônica – que nos é descrita por fontes medievais como um tecido finíssimo transparente, com uma imagem visível de ambos os lados – foi levada de Roma numa data imprecisa, no início do século XVII (outra hipótese, formulada por Saverio Gaeta com base em documentos de arquivo e considerações históricas, dataria esse episódio para um tempo mais antigo, o do Saque de Roma de 1527, o que, de qualquer forma, não muda substancialmente a questão). A Verônica teria reaparecido em Manoppello entre 1608 e 1618, de acordo com a documentação histórica local, depurada dos aspectos de lenda.

Apresentaremos um pequeno resumo de alguns dos dados fundamentais apresentados por Pfeiffer para justificar essa identificação. Em primeiro lugar, a Verônica que ainda se encontra em São Pedro, no Vaticano, já não mostra nenhuma imagem: os poucos estudiosos do passado que puderam observá-la de perto, como De Waal e Wilpert (lembramos que a tela presente em Roma não é exposta ao público desde o século XVII), viram nela apenas algumas manchas escuras; mesmo quem teve a oportunidade de observá-la recentemente (inclusive o pontífice João Paulo II) não encontrou nela vestígios de imagem.

Em segundo lugar, o tecido atualmente em Roma não é transparente de modo algum, enquanto o relicário de 1350 que continha a Verônica em Roma, ainda conservado no tesouro da Basílica Vaticana, é constituído por dois vidros de cristal de rocha e se destinava, evidentemente, a conter um objeto que pudesse ser exposto de ambos os lados. Esse relicário, de formato quadrado e dimensões compatíveis com o véu de Manoppello, do qual é pouco maior (e já vimos que o véu foi aparado), foi substituído mais tarde, primeiro pelo relicário usado em meados do século XVI (hoje perdido), depois pelo atual: um documento relata a solenidade da transposição da relíquia – ou melhor, como é nossa hipótese, da transposição do objeto falsificado que a substituiu –, ocorrida na data de 21 de março de 1606, para um nicho aberto na pilastra da cúpula precisamente chamada “da Verônica”.

Como lemos num relato de Giacomo Grimaldi, então arquivista de São Pedro, datado de 1618, os vidros do relicário de 1350 estão quebrados: e um resíduo, considerado como vidro, pode ser notado ainda hoje pregado à borda inferior do véu de Manoppello. De modo semelhante ao que já dissemos a propósito das investigações sobre a natureza física do tecido com o qual é fabricado o véu, a impossibilidade atual de removê-lo do ostensório que o contém não permitiu ainda que os pesquisadores chegassem a uma certeza a respeito da identidade de materiais entre o desse fragmento de vidro e o que resta do relicário vaticano de 1350.

Em terceiro lugar, a Verônica de Roma apresentava um rosto com os olhos abertos, como vemos em todas as suas representações anteriores a 1616, enquanto a cópia feita naquele ano possui um rosto com os olhos fechados. Paulo V, pouco depois, vetaria qualquer outra cópia da relíquia, sob pena de excomunhão; Urbano VIII, em 1628, ordenou que todas as cópias existentes, feitas nos últimos anos, fossem destruídas.

O rosto de uma pessoa real

Mas padre Pfeiffer vai mais além com suas pesquisas, que nos permitem considerar extremamente provável que o Santo Rosto de Manoppello, ou seja, a Verônica romana, é um dos dois protótipos, ou modelos fundamentais, da imagem de Cristo. O segundo modelo é o Sudário de Turim. Padre Pfeiffer destaca particularmente que as maçãs do rosto das imagens clássicas de Cristo são quase sempre desiguais, como ocorre no Sudário de Turim e no Santo Rosto: a face, portanto, é assimétrica, contrariamente ao que vemos em todas as representações das divindades antigas, que apresentam um rosto ideal e simétrico. O Cristo clássico tem, portanto, um rosto pessoal e individual; e o modelo desse rosto, dada a sua estrutura fortemente assimétrica, é o Sudário de Turim, ou o Sudário de Turim somado ao Santo Rosto (provavelmente as duas relíquias devem ter circulado unidas por um certo período, como imagina Pfeiffer); no que diz respeito aos olhos e a todos os aspectos mais vitais, o único modelo é o Santo Rosto.

Logo, concluímos, trata-se de um rosto que de fato existiu, concreto, real; não de um modelo abstrato, tomado de empréstimo da iconografia de algum filósofo, como muitas vezes lemos ou ouvimos de historiadores da arte, cristianistas e até teólogos. O rosto de um homem de carne, não de uma ideia.

A pesquisa iconográfica leva ainda padre Pfeiffer a defender, no que é seguido por muitos outros especialistas, a identificação do Sudário de Turim com o *Mandylion* de Edessa, que era conhecido nessa cidade em 544, época do assédio dos persas, e seria trasladado para Constantinopla em 944, onde desapareceria em 1204 para, mais tarde, ser encontrado no Ocidente. Da mesma forma, padre Pfeiffer propõe a identificação do Santo Rosto de Manoppello com a imagem do rosto de Cristo que se transferiu de Kamulia (Capadócia) para Constantinopla em 574, e aí desapareceu por volta de 705, durante o segundo reinado do imperador Justiniano II; esse tecido finíssimo, transparente, ao chegar a Roma, foi escondido (talvez pregado sobre o

chamado ícone *acheropsita* do Sancta Sanctorum da Basílica de Latrão), recuperado no papado de Inocêncio III (1198-1216) e levado a São Pedro, com o nome de Verônica. Padre Pfeiffer está firmemente convencido de que o Santo Rosto seja uma imagem *acheiropoietos*: *“Tomando como ponto de partida a perfeita superposição do rosto do Sudário de Turim com o rosto de Manoppello, somos induzidos a admitir que a imagem no véu e a que vemos no Sudário tenham-se formado ao mesmo tempo. Ou seja, nos três dias que decorrem entre o sepultamento de Jesus e sua ressurreição, dentro do sepulcro. O Sudário de Manoppello e o de Turim são as duas únicas verdadeiras imagens do rosto de Cristo ditas acheropsitas, ou seja, não realizadas por mãos humanas”* (H. Pfeiffer, in: P. Baglioni, “Bernini ou não, é uma obra-prima”, in: *30Dias*, nº 9, setembro de 2004, pp. 56-65).

Existe algum indício físico que nos possa levar a considerar que, tal como a imagem do Santo Sudário não foi produzida artificialmente, o mesmo tenha-se dado com a imagem do Santo Rosto de Manoppello?



O véu do Santo Rosto de Manoppello, dentro do relicário que atualmente o contém.

Pesquisas científicas em andamento

Entre 1998 e 1999, Donato Vittore, professor na Faculdade de Medicina da Universidade de Bári, fez algumas primeiras pesquisas de caráter científico sobre o Santo Rosto de Manoppello. O véu foi examinado com um escâner digital de alta resolução; o resultado divulgado por Vittore foi de que no espaço entre o fio da urdidura e o fio da trama não aparecem resíduos de cor. A ausência de depósito de cor lhe permitiu excluir a hipótese de que o Santo Rosto seja o resultado de uma pintura a óleo, como também não pode ser uma pintura a aquarela, uma vez que os contornos da imagem são muito evidentes nos olhos e na boca, não havendo aí pequeninos borrões no desenho, como ocorreria se o tecido tivesse sido empastado pela tintura. Aguardamos ainda uma publicação sistemática dessas pesquisas, mas o autor já as ilustrou, com a apresentação de diversas imagens em detalhe, em vários congressos, o último deles em Lecce, em março de 2007.

Se confirmada a hipótese de 2004 de que o tecido seja composto de bisso marinho, de fibras lisas e impermeáveis, teremos de considerar também que esse tipo de tecido, de fato, tecnicamente não pode ser pintado, uma vez que a cor tende a deslizar sobre ele, formando crostas, as quais não aparecem no Santo Rosto. Modificações da cor, por outro lado, poderiam ser obtidas num tecido como esse, por descoloração (mas, certamente, não resultando num desenho tão preciso como o que encontramos no véu de Manoppello).

Pesquisas em microscopia e espectroscopia foram realizadas mais tarde por Giulio Fanti, professor de Engenharia Mecânica e Térmica da Universidade de Pádua. A análise sob luz ultravioleta, com a lâmpada de Wood, confirmou um teste que já tinha sido realizado em 1971: nem o tecido nem a imagem do rosto mostram fluorescência considerável, como poderíamos esperar de substâncias de amálgama de cores, ao passo que uma fluorescência acentuada

aparece nas partes em que há sinais evidentes de restauro, correspondentes aos cantos superiores direito e esquerdo.

Todavia, resquícios de substâncias (pigmentos?) parecem presentes em outras partes do véu. A análise com luz infravermelha mostrou a ausência de um esboço prévio sob a imagem, e a falta de correções. Uma reconstituição das imagens em 3-D mostrou outros pontos de correspondência entre a imagem do véu e a do Sudário; em resumo, foi possível notar que, ao contrário do que parece, as duas imagens (anterior e posterior) do véu não são perfeitamente especulares: existem diferenças singulares entre a frente e o verso, difíceis de explicar em alguns detalhes, e de caráter tão sutil, que a ideia de podermos falar de uma pintura nesse caso é tecnicamente muito problemática.

No entanto, outras pesquisas científicas estão em andamento; esperamos que possam fornecer dados novos relativos a três problemas fundamentais: o primeiro, a relação precisa entre o véu e o Sudário; o segundo, o modo de formação da imagem no véu; o terceiro, se essa formação se deu em dois momentos, um para as manchas de sangue (se realmente são de sangue), outro para o rosto. A bidimensionalidade das supostas manchas hemáticas, que estariam desvinculadas do relevo do rosto, postularia dois momentos diferentes de impressão, exatamente o mesmo que as pesquisas demonstraram ter ocorrido no caso do Sudário de Turim. Leiamos mais uma vez o Evangelho de João: esse véu poderia ser justamente, “o sudário”, que Pedro e João viram no sepulcro, “que cobrira a cabeça de Jesus”, e pareceu aos dois Apóstolos, “não estendido com os panos de linho no chão [ou seja, com o grande sudário], mas enrolado numa posição única” (*Jo* 20, 7). Em outras palavras, o sudário que ficou em posição destacada no lugar em que tinha sido posto, sobre os panos de linho e em contato direto com Jesus, cobrindo a região da cabeça e do rosto. E João, “viu e creu” (*Jo* 20, 8).

Fonte: http://www.30giorni.it/articoli_id_21100_16.htm

Indícios da ressurreição de Jesus

O Sudário de Oviedo e o Véu de Manoppello: dois objetos que, venerados há séculos como relíquias da paixão de Jesus, mostram surpreendentes correspondências com o Sudário de Turim.

Por Lorenzo Bianchi



À esquerda, o rosto do Sudário de Turim; à direita, o rosto do Véu de Manoppello. As dimensões das duas imagens têm uma correspondência geométrica precisa.

A observação científica da imagem e das manchas de sangue presentes no Sudário de Turim e as pesquisas experimentais realizadas ao longo de décadas de estudos, como já escrevemos nestas páginas (“Pequenos indícios da ressurreição de Jesus”, in: *30Dias*, nº 6/7, junho/julho de 2008, pp. 66-81), permitem-nos vislumbrar uma única explicação compatível com os dados levantados. E tal explicação ultrapassa o próprio conhecimento científico, a saber: que **o corpo envolto pelo Sudário abandonou o invólucro que o continha simplesmente desaparecendo, ou se tornou mecanicamente transparente, atravessando e deixando vazio e intacto o invólucro**. E é impressionante – como já sublinhamos – a correspondência entre o dado físico objetivo e o que encontramos escrito no Evangelho de João, que foi testemunha ocular: quando Pedro entra no sepulcro, o lençol e as faixas que envolveram Jesus (o Sudário)

ainda estão em seu lugar, mas murcharam sobre a pedra sepulcral, pois aquilo que envolviam, o corpo de Jesus, já não está lá; o sudário usado para a cabeça também está em seu lugar, ainda na posição em que fora posto (o lenço disposto sobre a cabeça, por cima do Sudário). Tudo, evidentemente, está intacto. **“Então, entrou também o outro discípulo [João], que chegara primeiro ao sepulcro: e viu e creu (Jo 20, 8)”**. São exatamente os mesmos termos que Jesus usa para definir bem-aventurados aqueles que, mesmo sem tê-Lo visto ressuscitado, observando pequenos indícios, como o apóstolo predileto, acreditaram (Jo 20, 29).

Pequenos indícios, como talvez possamos reconhecer em outros dois objetos que a piedade cristã venerou por séculos como relíquias da paixão de Jesus. Objetos que mostram, pelos primeiros resultados de exames e estudos científicos, surpreendentes correspondências e relações com o Sudário de Turim: o Sudário de Oviedo e o Santo Rosto de Manoppello.

Depois da publicação do artigo sobre o Sudário de Turim, no número 6/7, de junho/julho de 2008, chegaram algumas cartas à redação; publicamos parte significativa de uma delas, como introdução a um novo artigo sobre os estudos atuais relativos a outras relíquias da paixão de Jesus, que dados históricos e físicos levam a considerar relacionadas com o Santo Sudário.

Saint-Jean-Cap-Ferrat (França), 2 de novembro de 2008.

Senhor Lorenzo Bianchi
Instituto de Tecnologias Aplicadas aos Bens Culturais

Caro senhor,

Como há muitos anos me interesse pelo Santo Sudário, li com o maior interesse o excelente artigo que o senhor publicou em *30Dias*, traduzido e difundido na França. O senhor foi o primeiro, que eu saiba, que pôs em prática o conselho dado por João Paulo II, quando, por ocasião de sua visita pastoral a Turim, em maio de 1998, disse que a contemplação do Santo Sudário requer: “Em primeiro lugar o empenho de cada homem, em particular do pesquisador, para captar com humildade a mensagem profunda enviada à sua razão e à sua vida”. E acrescentou: “A Igreja exorta a encarar o estudo do Sudário sem posições preconcebidas, que considerem óbvios resultados que não o são; convida-os a agir com liberdade interior e zeloso respeito tanto pela metodologia científica quanto pela sensibilidade dos que creem”. “O que conta, sobretudo, para o homem de fé é que o Sudário é espelho do Evangelho. De fato, ao refletirmos sobre o Sacro Lençol, não podemos prescindir da consideração de que a imagem nele presente tem uma relação tão profunda com os que os Evangelhos contam da paixão e morte de Jesus, que todo homem sensível se sente interiormente tocado e comovido ao contemplá-la.” Era uma condenação implícita da datação de 1988 e um convite aos pesquisadores para que meditassem baseando-se também nas indicações precisas oferecidas pelos Evangelhos.

O senhor seguiu esse conselho e pôs em evidência a concordância perfeita, “até os mínimos detalhes”, para retomar sua fórmula, entre os dados fornecidos pelas diversas ciências experimentais e [...] o relato dos Evangelhos [...]; e isso é de uma verdade surpreendente! Todavia, por meio dessa concordância o senhor enfrenta “um outro horizonte”, ou seja, a possível demonstração da ressurreição “física” de Jesus. Está justamente nisso o interesse todo especial de seu trabalho. [...] É absolutamente necessário, portanto, e suplico-lhe que o faça, que o senhor dê continuidade a essa abordagem, ou melhor, que a aprofunde, ponto por ponto. Essa, creio eu, deverá ser a mensagem do século XXI! [...]

Até que tenha o prazer de relê-lo, receba, caro senhor, meus melhores cumprimentos.

Pierre Schultz
Presidente emérito da Ordem dos Advogados

Fonte: http://www.30giorni.it/articoli_id_21098_16.htm

Indícios visíveis da ressurreição de Jesus

Por Lorenzo Bianchi



Bento XVI reza ajoelhado diante do Sudário na Catedral de Turim, em 2 de maio de 2010 [© Osservatore Romano]

A seção “Nova et Vetera” contém coisas velhas e novas, desta vez em torno do tema da ressurreição do Senhor.

Primeiramente, voltamos a publicar uma entrevista que nos foi dada em 2000 pelo jesuíta Jean Galot, depois de um artigo seu que havia saído na revista *La Civiltà Cattolica*. Galot, que faleceu em abril de 2008, era então professor emérito de Cristologia na Gregoriana. Na entrevista, ele avaliava uma série de descobertas exegéticas que, com base na atenta consideração dos vocábulos gregos usados pelo Evangelho de João, pareciam e parecem confirmar, de modo mais plausível, o que João e Pedro viram no sepulcro em que tinha sido deposto o corpo de Jesus e também o momento em que nasceu em João a fé na ressurreição de Nosso Senhor. Dizia padre Galot: “O início, em João, da adesão à fé, tal como é relatado no texto evangélico, é causado pelo que o apóstolo viu no sepulcro. A fé é suscitada por indícios exíguos, mas reais, visíveis”.

Entre outras coisas, é interessante a afirmação de Galot de que apenas na presença dos sinais João lembra o prenúncio da ressurreição, que ele e os outros apóstolos tinham ouvido mais de uma vez do próprio Jesus. Com isso, padre Galot mostra o imprescindível encaixe entre as palavras pronunciadas por Jesus, os indícios presentes no sepulcro, tal como são relatados no Evangelho, e o início, em João, da fé na ressurreição de Jesus.

O outro texto comunica interessantes resultados provenientes de pesquisas ópticas e epigráficas muito recentes sobre o Sudário de Turim. Paolo Di Lazzaro, responsável pelo Laboratório de Laser de Excímero do Centro de Pesquisas Enea (agência nacional italiana para as novas tecnologias, a energia e o desenvolvimento econômico sustentável), relata as pesquisas desenvolvidas por uma equipe de estudiosos italianos a partir de 2005 para responder à questão das questões a respeito do Sudário, do ponto de vista científico. Ou seja: como foi que a imagem se formou sobre ele?

Essas pesquisas demonstraram que, pela irradiação de tecidos de linho (semelhantes ao Sudário) com raios *laser* ultravioletas, com determinados valores de potência (bilhões de watts) e duração (bilionésimos de segundo), numa superfície muito limitada (pouquíssimos centímetros quadrados), é possível provocar um efeito de cromaticidade com as mesmas características químicas e físicas (em particular, a extrema superficialidade, na ordem dos milésimos de milímetro) do que foi constatado no Sudário, coisa que até hoje nunca tinha sido possível reproduzir em laboratório, usando outras metodologias. Isso conduziria a considerar a figura do Sudário como produto de um fenômeno físico de irradiação de luz cerca de catorze mil vezes superior, se levarmos em conta suas dimensões, ao que foi reproduzido em laboratório, com parâmetros de potência e ao mesmo tempo de concentração no espaço e no tempo que não podem ser encontrados na natureza. São indícios exíguos, mas reais, visíveis – como dizia padre Galot – que apoiam a fé na ressurreição de Jesus Cristo.

O cardeal Severino Poletto, arcebispo de Turim, na mensagem de 1º de abril deste ano, ao anunciar a Exibição do Sudário, escreveu: “O beato Sebastião Valfré, grande devoto do Santo Sudário, dizia: **‘O Sudário é um sinal de Jesus comparável à cruz, mas com esta particularidade: a cruz acolheu Jesus vivo e no-lo restituiu morto, o Sudário, ao contrário, o acolheu morto e no-lo restituiu vivo’**”.

Fonte: http://www.30giorni.it/articoli_id_22614_16.htm

O SANTO SUDÁRIO DE TURIM

(A EVIDÊNCIA CIENTÍFICA DA EXISTÊNCIA DE DEUS)

Havia um homem chamado José, membro do Conselho, homem bom e justo, que não tinha consentido na decisão e no procedimento dos outros. Ele era da cidade de Arimatéia, na Judéia, e esperava o Reino de Deus. Dirigindo-se a Pilatos, pediu o corpo de Jesus. Então, desceu-o, envolveu-o num lençol de linho e o colocou num sepulcro cavado na rocha, no qual ninguém ainda fora colocado. Era o Dia da Preparação, e estava para começar o sábado. (Lucas 23, 50-54)

A AUTENTICIDADE DO LENÇOL DE TURIM NÃO É MATÉRIA DE FÉ.

A Síndone (palavra italiana procedente do grego *s u n d o n* = folha, tela) não é um artigo de fé. A Igreja Católica não obriga ninguém a crer no Santo Sudário. A Igreja obriga apenas crer os dogmas de fé, verdades reveladas por Deus. O Santo Sudário não entra na Revelação, o que não implica que não seja verdade. Da mesma maneira que as matemáticas não entram na Revelação, e são também verdade.

Neste artigo vamos apenas expor os fatos objetivos que a ciência revelou sobre esta relíquia extraordinária. O Santo Sudário é a relíquia mais estudada de toda a história. Uma legião de cientistas de muito variadas disciplinas estudou-o. Aqui estão os dados das suas investigações:

UMA PEÇA ÚNICA

A Síndone é uma peça única no mundo. Não é conhecido em toda a história nenhum outro objeto de características semelhantes. Não há nenhum vestígio em toda a Terra de um fato semelhante em nenhuma outra civilização, seja ocidental, oriental, africana ou aborígine. Os cientistas são incapazes de fazer uma simples cópia, mesmo aproximativa, na hora atual.

A imagem imprimida sobre o tecido é um negativo e apresenta o corpo martirizado de Jesus visto uma vez de face e de costas com pontos de concordância rigorosamente exatos como a marca dos cravos "entrada/saída" que atravessou os pés do Senhor.

A IMAGEM

A série de testes não indicou nenhum pigmento, nenhum vestígio de pintura. Mas estabelece a presença de sangue no lugar das feridas. A imagem é superficial, a sua coloração não penetra nos fios; a imagem toca apenas as fibras superiores da trama do lençol sobre uma profundidade de aproximadamente 40 microns. O que exclui qualquer impregnação de líquidos e mesmo qualquer técnica de impregnação de imagens. Esta está composta de "fibrilas amarelas". A coloração é produto de uma desidratação da celulose de origem desconhecida que faz pensar numa espécie queimadura provocada por uma fonte de calor.

Nenhum "traço direcional" (golpe de pincel) foi identificado sobre o lençol. Incontestavelmente, esta imagem não tem fatura artística. É um "negativo fotográfico" perfeito, muito detalhado.

É necessário afastar-se mais de 2 metros do lençol para poder perceber uma imagem legível e identificá-la como sendo uma silhueta de frente e de costas de um Homem e é a 5 metros que certos detalhes revelam-se ao olhar humano.

A imagem imprimida sobre o tecido é um negativo e terá sido necessário de esperar a invenção da fotografia no século XIX para descobri-lo.

O lençol foi tecido de acordo com um método próprio das regiões próximas a Jerusalém com um tear do tipo dos utilizados no século precedente ao nascimento de Jesus, numa época contemporânea de Jesus Cristo, e contém alguns vestígios de algodão... Nenhuma espécie de algodão foi cultivada em Europa até o Renascimento, e tudo em conformidade com a Lei Mosaica

que proíbe as vestes que contem fibras que provêm ao mesmo tempo do mundo animal e o mundo vegetal.

A origem e o modo de impressão da coloração que poder-se-ia chamar "pigmentação" não são identificáveis pelos meios técnicos atuais. As manchas de sangue são compostas de hemoglobina. Mas, as fibras, não estão "pintadas" senão queimadas superficialmente, sem impregnação. Este "queimado" aparente do tecido que constitui a imagem, principal característica visual, não afetou as fibras dos fios mas apenas e de maneira seletiva às fibrilas, mensuráveis em cerca de dezenas de microns.

A marca da Imagem não existe sob estas manchas sangue como se este sangue tivesse protegido o tecido! Nenhum vestígio de corantes de origem mineral ou orgânica como os habitualmente utilizados pelos pintores, pôde ser encontrado; ou mesmo de líquido com exceção do sangue e os seus componentes naturais revelados pelo fenômeno da capilaridade e a gravidade: a imagem é superficial. Os exames científicos provaram que a intensidade das sombras está em concordância parcial ou total com a desidratação das fibras da superfície dos fios que constituem o tecido.

A imagem do lençol é o resultado de uma projeção vertical polarizante, isto exclui qualquer forma de radiação calórica porque o calor exerce-se de maneira omnidirecional.

Qualquer obra pintada composta pela mão do homem, é dizer, realizada manualmente, deixa aparecer após um exame e tratamento de imagem, um sentido de execução com pontos ou zonas de arranque, movimentos ou vestígios direcionais que designadas "frequências espaciais preferenciais". Nenhuma destas frequências foi detectada pelo computador, isto prova que o Sudário trata-se de outro modo de execução que o da mão de um homem, ou seja, uma obra archeiropoiética!

O mecanismo de formação desta imagem é, por conseguinte, "isotrópica", sem efeito direcional, excluindo inevitavelmente uma execução manual, e, por conseguinte, de origem não humana. A pós colorização de imagens digitais permite revelar detalhes suplementares. A imagem não atravessa a tela de lado a lado. Sobre uma única face do Sudário é imprimida a imagem frontal e dorsal de um Homem chicoteado, em "rigor mortis" e morrido por crucificação.

A imagem não é pintada, nem impressa, nem ele existe restos de pigmentos, nem corantes, nem sedas de escova de pintor, nem as grandes linhas de pintura, nem nenhum material orgânico. As manchas de sangue são compostas de hemoglobina.

O Homem da Síndone é uma imagem tênue e muito detalhada de um Homem adulto com cabelos semi-longos e com barba; de um metro e oitenta e quatro à oitenta e sete centímetros de estatura, constituição forte, musculada, entre 30 e 35 anos, com um peso duns 80 quilos; de mãos e pés longos; uma face semítica com os vestígios deixados por um chapéu completo de espinhas e não uma coroa, como pensava-se; e uma série de retalhos que permitiram reforçar a história bíblica da Crucificação.

A imagem coincide com a descrição do corpo inerte de Jesus de Nazaré após ter sofrido a Crucificação. Os Evangelhos falam de uma tela na qual à pressa foi envolvido Jesus após o Seu falecimento - Sexta-Feira Santa - para não quebrar com o descanso sabático judaico. Os judeus envolviam os cadáveres com bandagens, como à Lázaro. Mas com Cristo não tiveram tempo, porque morreu às três horas da tarde e era necessário terminar a sepultura antes da noite, porque começava então o dia de festa com proibição total de qualquer trabalho.

Como Nicodemo e José de Arimatéia deveram ir pedir autorização à Pilatos para levar o cadáver, procurar os instrumentos e descer o Senhor da cruz, a tarde terminava e deveriam enterrá-lo rapidamente cobrindo-o com o Sudário. É por isso que após sábado, iam as mulheres terminar a sepultura.

A Síndone mostra o tormento de um jovem homem, com características próprias do grupo étnico judaico. O sangue corresponde ao grupo AB, o mais freqüente entre os hebreus.

Trata-se de um homem que sofreu hematomose (suor de sangue), grandes golpes nos joelhos e a costas. Na imagem aprecia-se um mínimo de 120 golpes com um chicote de três cordas terminadas em bolas de aço. A face apresenta grandes golpes também. Foi coroado por um chapéu de espinhas, do qual apreciam-se 33 orifícios. Podem ser contadas em total mais de 600 feridas em todo o corpo. Todas foram produzidas em vida, com exceção de uma grande lançada no flanco direito, que tem uma forma elíptica do mesmo diâmetro que uma lança romana; e chegou à aurícula direita do coração.

Crucificado com cravos que atravessaram entre o punho e a mão, na região chamada em anatomia de "espaço de Destot" (não as mãos); os pés juntos foram atravessados por só um cravo. Os médicos que analisaram a tela deduziram que sofrera de fortes dores pericordiais, opressão, e febre muito elevada, morrendo finalmente de asfixia, não tendo já forças para elevar-se e respirar.

Tentou-se reproduzir a imagem, mas os ensaios efetuados com cadáveres humanos, moldes incandescentes e diversas substâncias fracassaram. Os especialistas concluem que a imagem foi provocada por uma espécie de radiação de origem desconhecida. A imagem está em negativo, mas o sangue que impregnou a tela está em positivo.

A imagem da Figura humana deve ser lida como refletida num espelho: o visto à direita encontra-se em realidade à sua esquerda e vice-versa. A imagem Santo Sudário é um negativo fotográfico impresso na tela, mas tem duas características muito específicas em relação à qualquer outro negativo: é tridimensional e não existe unidirecionalidade.

O Santo Sudário é a única "fotografia" tridimensional. É dizer, a intensidade das imagens é inversamente proporcional à distância que separa em cada ponto a tela do cadáver "fotografado".

O resultado demonstrou que a imagem latente era completamente tridimensional, e que não existiam linhas de direcionalidade no desenho.

É importante sublinhar a inexistência de direcionalidade. Para compreender isto é necessário explicar como funciona uma máquina fotográfica. O princípio é o da câmara escura: temos uma peça completamente fechada em uma de cujas paredes abrimos um pequeno orifício pelo qual penetra a luz. Um objeto situado fora da câmara é refletido, invertido, na parede oposta ao orifício. Este é o fundamento das máquinas fotográficas. Nestas imagens existe a direcionalidade, ou seja, toda a imagem é formada a partir dos raios de luz que vêm de um só ponto: os raios luminosos que entram pelo orifício da parede.

Não é assim com a Síndone. Não existe nenhum ponto focal ao qual converge a imagem. A luz que impregnou o Santo Sudário vem de toda a superfície do Corpo. Quanto mais próxima estava a tela ao Corpo, tanto mais intensamente queimou-a a radiação que apareceu de repente do Corpo, dando-lhe a sua tridimensionalidade característica.



UMA IMAGEM TRIDIMENSIONAL

Foi necessário esperar à invenção do computador e a os programas informáticos dedicados à aventura espacial, para fazer novas descobertas. Em 1976 com um aparelho de analisar imagens "VP8", permitiu revelar após o fotografado da superfície do Lençol, uma representação 3D do conjunto da imagem, baseada na intensidade luminosa. O que significa que a distância entre a pele do Crucificado e a superfície do pano, fora das partes impregnadas de sangue, foi fotografada e registrada. Esta tridimensionalidade não existe, bem entendido, sobre uma fotografia do tipo que o grande público é capaz de tirar com os aparelhos clássicos, tão sofisticados sejam.

O estudo confirmou igualmente o efeito de distância da imagem. A definição da densidade de cor era bem em relação com a distância entre a tela e o Corpo. O que permitiu com um aparelho da Nasa, o VP8, confirmar os trabalhos precedentes sobre "tridimensionalidade da imagem".

A Síndone foi estudada por uma legião de cientistas, e a investigação contínua. O VP-8 é um aparelho destinado a fazer investigações sobre a orografia dos planetas sobre os diferentes jogos de fotografias obtidos pelas sondas espaciais Viking que navegavam ao redor do planeta Marte. O resultado da análise do VP-8 revelou que a imagem refletida na Síndone era a equivalente à superfície tridimensional de um corpo humano. E uma coisa não menos surpreendente: a imagem foi concretizada uniformemente na Síndone por uma espécie de radiação desconhecida, que queimou ligeiramente de maneira uniforme a totalidade da tela, isto demonstra que não foi o contacto direto com o Corpo o que produziu a imagem, mas uma radiação que emanou de ele.

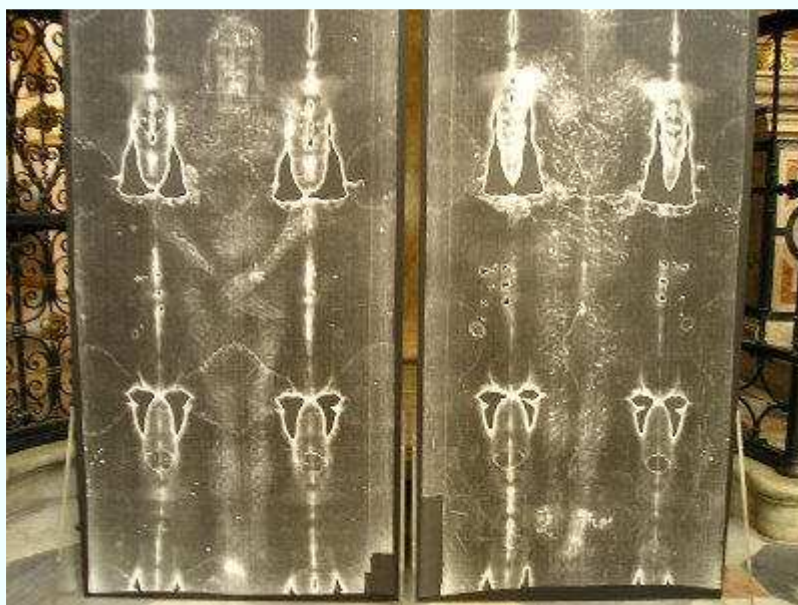
A TELA

A análise da Tela confirma que corresponde-se com os tecidos existentes há 2.000 anos. Convém sublinhar que esta maneira de tecer a tela foi cessada de utilizar após o século I, porque os aparelhos de tecer manuais desapareceram e já não foram utilizados de novo. Não se conserva em nenhum museu do mundo especializado em telas, telas deste tipo posterior ao século I.

A Tela tecida à mão com forma de espinha de peixe, media 436 cm 110. O quadro responde ao antigo estilo Adamascado, trata-se de uma tela tecida em "espiga de peixe", em quarenta e cinco graus, disposta de dois na parte superior e dois para baixo. O fio transversal passa assim sob três verticais para emergir no quarto, o que requer um aparelho de tecer de quatro pedais.

Apenas encontraram-se algumas fibras de algodão mas nem mais o mínimo resto de cabelos de animal nenhum. A ausência de cabelos de animal é explicada pela proibição da lei judaica de tecer misturando fibras vegetais e animais. Na Europa foi necessário de esperar até ao século XIII para confeccionar telas semelhantes à Síndone. O fato de encontrar algumas fibras de algodão serviu à alguns investigadores para especificar a sua origem, porque na Europa não se cultivava o algodão, o que sucedia na Palestina.

No Código da Lei judaica, traz-se o costume de sepultura na secção "Leis do duelo", uma das suas indicações é que uma pessoa executada pelo Governo deve ser enterrada num único Sudário.



ANÁLISE FORENSE

No plano anatômico, uma profusão de retalhos concomitantes que passamos a resumir:

O Homem da Síndone sofreu hematidrose [excreção de suor sanguinolento] que aparece em condições completamente especiais: uma grande debilidade física, acompanhada de um abalo moral, seguido de profunda emoção e de grande medo. Uma vasodilatação intensa de capilares subcutâneos, que se rompem em contato com a base de milhões de glândulas sudoríparas. O sangue se mistura ao suor e se coagula na pele após a exsudação. É esta mistura de suor e de coágulos que se reúne e escorre por todo o corpo em quantidade suficiente para cair por terra.

No lado direito da face há uma grande contusão, e a cartilagem do nariz está rompida e desviada para a direita. Isto deve-se a uma pancada infligida por um pedaço de pau curto, cilíndrico, de 4 a 5 cm de diâmetro. Isso provocaria uma abundante saída de sangue, o que se constata no Sudário pelo fato de o bigode estar impregnado de sangue, que desce do nariz perdendo-se na barba. Um enorme escarro que desce da ponta interna do olho direito até a parte inferior do nariz.

Este está deformado por uma ruptura da cartilagem dorsal, bem perto de sua inserção no osso nasal, que ficou intacto. Nas regiões que circundam os olhos e as sobrancelhas, há chagas e contusões iguais às que produziram socos ou bastonadas. A sobrancelha direita está claramente inflamada. Sobre o rosto se encontram escoriações um pouco por toda parte, mas sobretudo do lado direito, que está também deformado como se, sob as esfoladuras sangrentas, houvesse também hematomas.

As duas arcadas superciliares apresentam aquelas chagas contusas, que tão bem conhecemos, e que se fazem de dentro para fora, sob a influência de um soco ou paulada; os ossos da arcada cortam a pele pelo lado interno. A face direita está notavelmente inchada... É um inchaço que se estende e aumenta no sulco entre o nariz, a face e os lábios. Um rosto profundamente maltratado com golpes de bastão, socos, tapas, bofetadas, cusparadas, puxões na barba.

A flagelação:

Mais de 120 golpes ternários, infligidos por dois homens fortes, um mais alto que o outro, peritos no seu ofício; um de cada lado do réu, lhe cobrem metodicamente com seus golpes toda a superfície do corpo... com exceção da parte do peito sobre o coração, sem poupar nenhum espaço.

Ao longo de todo o corpo, especialmente nas costas, podem ver-se marcas idênticas às que deixaria o instrumento que os romanos utilizavam para flagelar um réu (o flagellum taxillatum, composto de três ramais terminados em pequenas bolas de metal com relevos e unidas entre si por um arame). Esse objeto não era utilizado na Idade Média, e só se conhece em nossos dias depois de ter sido encontrado em escavações arqueológicas. Cada golpe arrancava a pele provocando pequenos escorrimentos de sangue.

Estudando a direção desses escorrimentos e a direção dos golpes, foi possível deduzir a posição encurvada em que Jesus se encontrava sobre uma coluna baixa para a flagelação. Podem-se contar mais de 600 contusões e feridas em todo o corpo do Homem do Sudário, e 120 marcas de açoite.

Os milhões de microscópicas hemorragias intradérmicas, próprias da hematidrose ou suor de sangue, surgem em toda a pele do corpo, que fica assim toda machucada, dolorida e bastante sensível aos golpes. Portanto, não se deve estranhar que aqueles brutais açoites tenham aberto e arrancado a pele com efusão de sangue a cada golpe.

As chagas da flagelação têm um realismo, uma abundância, uma tal conformidade aos dados arqueológicos, que ficam em notável contraste com as pobres imaginações dos pintores de todos os tempos.

A coroação de espinhos:

A cabeça mostra mais de 50 feridas pequenas e profundas que evidenciam a aplicação de uma coroa de espinhos. As manchas maiores coincidem exatamente com locais onde estariam as veias e artérias reais, quando na Idade Média se desconhecia a circulação do sangue.

O Santo Sudário não dá margem a dúvidas. Deixa supor claramente uma coroa em forma de capacete que cobria toda a cabeça do homem, da frente até a nuca.

Nesta região da cabeça, cheia de terminações nervosas e grande quantidade de vasos sanguíneos, a dor produzida pela coroa, carregada na cruz, e portanto cravando-se a cada movimento, certamente era insuportável.

Nota-se no Sudário, no lado direito da frente do Supliciado, um grosso fluxo de sangue bastante espesso na forma do número "3".

Sabe-se que nesta região, em muitas pessoas, existe uma veia bastante calibrosa e que, aos grandes esforços, se torna bastante dilatada. Um dos espinhos terá perfurado esta veia e estudos geométricos e anatômicos confirmam esta assertiva causando um sangramento constante, mesmo após a retirada do objeto que produziu o ferimento.

As hemorragias da coroa de espinhos e os coágulos por elas formados são de uma veracidade inimaginável, impossível de serem concebidas por qualquer artista que não o Divino.

A Via Crucis:

Verificando a imagem do Sudário, vamos encontrar duas marcas mais profundas na região dorsal, com forma oval e transversal. Os estudos feitos demonstraram que aquelas marcas correspondem a uma lesão da pele, provocada por alguma coisa bastante pesada que fora transportada apoiando naquela região. E que esta peça deslizava para um lado e para o outro, produzindo algumas escoriações.

É principalmente na imagem dorsal que encontramos os vestígios do transporte da cruz. Há ali, sobre a espádua direita, na parte externa da região subescapularia, uma larga zona de escoriação, oblíqua para baixo e para dentro, com a forma de um retângulo de 10 cm por 9 cm (Vê-se, de resto, que esta zona se prolonga pela frente, sobre a região clavicular externa, por largas placas de escoriação. A região posterior parece formada por um acúmulo de escoriações, sobrepostas a numerosas chagas da flagelação que estão esmagadas e alargadas em relação às do lado. Parece que um corpo pesado, rugoso, mal fixado, comprimiu esta espádua, e que esmagou, reabriu e alargou, através da túnica, as chagas precedentes da flagelação.

As três quedas:

O Homem do Sudário apresenta os joelhos feridos por violentas quedas sobre terreno pedregoso, estando o joelho esquerdo sujo de terra misturada com sangue.

As escoriações do nariz também estão sujas de terra, sinal de que o rosto de Jesus bateu violentamente contra o solo.

Impossibilitado de amortecer o tombo com as mãos, amarradas ao patíbulo da cruz que levava às costas, a cabeça de Jesus iria fatalmente bater com força contra o solo pedregoso; o patíbulo escorregaria em direção à cabeça, batendo fortemente contra a nuca, coberta com os espinhos. É fácil compreender por que a nuca aparece tão horrivelmente machucada na imagem do Sudário.

A Crucifixão:

Primeiro O despiram de suas vestes. **Isso deve ter provocado uma dor terrível, pois o tecido da túnica secara sobre as feridas do corpo divino, colando-se a ele.** Às vezes, num caso semelhante, para retirar-se um tecido colado a um corpo muito chagado, é necessário aplicar-se anestesia geral.

Os cravos não foram fincados na palma da mão, segundo a iconografia comum. Estudos de especialistas demonstram que essa região não tem estrutura suficiente para suportar o peso de

um corpo adulto. Mas entre o punho e a mão, na região chamada em anatomia de "espaço de Destot".

É impossível suspender um corpo humano com cravos na palma das mãos, as carnes rasgam-se imediatamente. O desaparecimento da polegada, como mostra-o a marca "digital" sobre o Sudário, oculta atrás as palmas das mãos, deve-se ao "pinzamento" do nervo no espaço dito "de Destot". Neste espaço, um cravo penetra com a maior facilidade, sem romper nenhum osso, e fica firmemente seguro.

A queda do sangue sobre os braços mostra dois ângulos que correspondem à alternância de apoio sobre os pés e a suspensão sobre os braços. O grande coágulo de sangue correspondente à chaga do braço está situado exatamente nessa região.

Ao penetrar aí, entre a palma da mão e o punho, o cravo provocou "uma dor inenarrável, fulgurante, que se espalhou por seus dedos, subiu como uma língua de fogo até a espádua e prorrompreu no cérebro. **Bem sabemos que a dor mais insuportável que um homem possa experimentar é a do ferimento de um dos grandes troncos nervosos. Jesus experimentará isto ainda durante três horas.**

Estando Jesus suspenso no ar somente pelos cravos das mãos, os carrascos passaram a prender seus pés ao madeiro da cruz. Trespasaram o pé esquerdo, fazendo com que a ponta do cravo surgisse na planta do pé; colocaram-no depois sobre o peito do pé direito, fazendo com que o cravo também o trespassasse, fixando-os assim, um sobre o outro, no madeiro da cruz.

A suspensão pelas mãos provoca nos crucificados um conjunto de câibras, de contrações, que se vão generalizando até o que chamamos de "tetania". Atinge ela, por fim, os músculos inspiradores, impedindo a expiração; os supliciados, não mais podendo esvaziar os pulmões, morrem por asfixia.

Para apressar a morte dos condenados, quebravam-lhes os joelhos, impedindo assim o soerguimento sobre os cravos dos pés que lhes permitiria respirar.

A morte:

Na imagem frontal, o tórax aparece com a sua musculatura contraída num espasmo, o diafragma elevado, visível pelo afundamento do abdômen. São imagens típicas de uma tetania causada pela asfixia e ânsia respiratória.

A lançada de Longinus:

A ferida da qual escorre este sangue é claramente visível e foi produzida por um instrumento de ponta e corte, com duas aletas ou rebordes em suas extremidades; daí sua forma elíptica.

A chaga do lado direito do Supliciado tem uma forma elíptica do mesmo diâmetro de 4,4 cm por 1,4 cm de uma lança romana. O fato de estar no lado direito explicar-se-ia pelo fato de os romanos darem esse golpe contra um inimigo que protege seu coração com o escudo.

Na parte superior da imagem sangüínea se distingue nitidamente, tanto no original [do Sudário] quanto nas fotografias, uma mancha oval com o eixo maior um tanto oblíquo de dentro para fora e de baixo para cima, que dá, nitidamente, a impressão da chaga do lado de onde saiu este sangue.

Realmente é inexplicável que um Homem tão maltratado fisicamente, como aparece diante de nossos olhos o Homem do Sudário, não apresente no rosto sinais de enrugamento, de ódio, de ira impotente, de esgotamento, de perversão moral... Apenas um super-homem, um homem não apenas inocente, mas **o próprio Filho de Deus, de tanta grandeza moral, de tanto domínio de Si, de um coração tão grande que ama, desculpa e perdoa seus próprios carrascos e viscerais inimigos**, enquanto eles estavam se cevando de seu sangue... Apenas Jesus Cristo de, tão resignada aceitação da morte, tão serena beleza... Como aparece, o podia apresentar, já morto, um rosto com tanta paz, tanta majesta Sudário.

O Santo Sudário é a prova de um crime horrível. Qualquer médico que analise a Tela concluiria que não existe a menor dúvida que apenas um homem que sofresse os tormentos físicos de Jesus Cristo poderia ter deixado tais vestígios.

É necessário sublinhar a punição terrível que supunha a crucificação.

A agonia foi prolongada cerca de uma hora e meia. Respirar transformava-se um trabalho fatigante: a elevação dos braços na cruz bloqueia o esterno e reduz o movimento das costas com uma permanente posição de inspiração do ar, o que provoca a asfixia.

Um líquido claro vazou da ferida do lado, sem misturar-se com o sangue, deixando vestígios muito pálidos. A ferida foi feita após a morte, depois, de estar vivo o Homem, ter-se-ia fechado novamente.

Os médicos determinaram que os pulmões deviam estar retraídos e que a ferida ao lado, nestas condições, deveu ser feita menos de uma hora após o falecimento.

A cabeça e a frente levam feridas circulares de 3 mm de diâmetro, com vazamentos ondulados que enrugam frente. Estas enrugadas são fixas, o que supõe uma contração dos músculos frontais de um quarto de hora, a causa duma violenta dor.

A parte traseira da cabeça mostra rastros análogos. Conclui-se que o Crucificado levou um capacete de espinhas duras, encaixado violentamente na cabeça. No lugar das manchas de sangue, contrariamente imagem geral, o tecido está impregnado e atravessado nos casos mais importantes como no lugar da ferida do lado.

As manchas de sangue normalmente estendem-se por capilaridade nas fibras no sentido horizontal e vertical, de acordo com a direção os fios de trama. Aqui, as manchas têm um contorno nítido. Estas manchas foram feitas com o sangue coagulado e não com sangue fresco. E, por exemplo, a gota de sangue que, sobre o frente, se termina em vazamento tem uma forma característica, devida à coagulação.

As manchas de sangue têm contornos perfeitamente definidos e precisos, sem vestígios de erros. Os fluxos direcionais dos escoamentos sangrentos acompanhados de escoamentos linfáticos não sangrentos em redor dos coágulos respeitam os sentidos de gravitação relativos à posição exata do corpo e as feridas geradas pela natureza e o momento no que o suplício tinha sido infligido.

Nenhum vestígio, mesmo superficial, de putrefação própria dum cadáver, o que confirma a curta estada do corpo no sepulcro. Após mais de 40 horas de contacto entre um cadáver e as roupas, começa um processo de putrefação a velocidade acelerada.

Há vestígios de soro sobre a circunferência das manchas de sangue, vestígios não perceptíveis ao olho nu mas por luminescência.

O peito lacerado pelas chicotadas prova que Jesus não estava unido a um poste quando da Sua flagelação e que fez face aos insultos dos Seus carrascos com uma forma de abandono, testemunho silencioso mas abundantemente narrativo por ele mesmo, que impregna ainda o pano.

Ferida sobre o pulso esquerdo (e não direito contrariamente às aparências dado que trata-se de uma marca fiel facial) que corresponde à saída do cravo.

O antebraço direito apresenta dois sentidos de escoamentos sanguíneos que correspondem às duas posições do Supliciado sobre a cruz. Os joelhos deixam ver uma imensa ferida, Jesus sofreu várias quedas ao longo de todo o Seu Calvário (vestígios de lama comum foram encontrados sobre a planta dos pés e a base do nariz).

Os escoamentos de sangue devidos aos ferimentos provocados pelo porto sobre o ombro são mais abundantes sobre as omoplatas. Pode-se assim notar que as chicotadas, cujos extremos terminavam em esferas de chumbo e aceiro, foram distribuídas de maneira igual e simétrica sobre os ombros, a costas, e o resto do corpo por dois carrascos profissionais colocados de cada lado de Jesus.

A face dorsal é zebrada da cabeça aos pés de feridas provocadas pelos chicotes. Escoamento de sangue importante desde a ferida que corresponde ao ponto de emergência do único cravo que atravessa os dois pés. As dimensões da ferida são efetivamente as de uma lança romana (48 mm dos 15 mm). O fato de o golpe ter sido levado à direita explica-se pelo hábito romano de os soldados a golpear de esquerda para a direita ao "lado aberto" (*latus apertum*), não defendido pelo escudo do adversário. Deste fato, o lança tinha deslizado sobre a sexta costa e tinha perfurado o quinto espaço intercostal. Sobre o trajeto a lança tinha encontrado o pericárdio, cheio de serosidade, e a aurícula direita, sempre cheia de sangue. Dai a frase surpreendente do Evangelho: "brotou sangue e água" (Jo 19, 33-34).

Cria-se tradicionalmente que Jesus Cristo fora crucificado pelas mãos, mas a investigação com cadáveres revelou que as mãos não podem suportar o peso de um corpo morto, e muito menos o de um corpo vivo em movimento. Por conseguinte, a única maneira de crucificar um corpo era atravessando os cravos "no espaço livre de Destot", um pequeno espaço entre os ossos da mão e o braço onde pode penetrar um cravo da dimensão de os utilizados pelos Romanos e ser ancorado perfeitamente. Os ligamentos destes ossos fornecem um apoio suficiente para opor-se à trações de mais de 70 quilos. Além disso, um cravo danificaria assim o nervo médio, provocando a contração involuntária das polegadas para a palma da mão, como a Tela demonstra-o.

O sangue dos braços avança para baixo, o que, com a grande mancha de sangue frente, indica que o sangue saltou e coagulou-se enquanto o corpo encontrava-se em posição vertical, com os braços levantados e ligeiramente acima a cabeça. O sangue vazava de acordo com o corte natural do corpo.

Não há ruptura de pernas, prática comum nas crucificações do século I.

O chapéu de espinhas que levava o Homem, e que lhe cobria a cabeça ao completo, quebrou a artéria cervical através da nuca e brotou o sangue arterial que chega em correntes até as costas.

Para concluir apenas é necessário dizer que a imagem da Síndone é clinicamente precisa.

O SANTO SUDÁRIO E OS EVANGELHOS

O Crucificado do Sudário sofreu a crucificação romana, como a história e os documentos antigos a testemunham:

1 - Sofreu feridas conformes com a coroação de espinhas, o que não está documentado antes na história para nenhum outro crucificado, mas apenas para Jesus Cristo.

2 - Não teve os ossos dos joelhos quebrados como o Crucificado do Evangelho, prática habitual entre os romanos quando crucificavam um homem.

3 - Sofreu flagelação, suplício romano que estes não aplicavam conjuntamente com a crucificação, mas que Pilatos ordenou para Jesus Cristo.

4 - Teve o coração alancado após a morte, como Jesus Cristo, e brotou sangue e água.

5 - Teve sido posto num lençol rico e baixado rapidamente da Cruz, o que não era habitual, como Jesus Cristo.

Pode-se concluir com certeza que o Crucificado do Sudário de Turim sofreu exatamente a Paixão de Jesus Cristo nos Evangelhos.

AS MOEDAS SOBRE OS OLHOS

No fim do século XX acharam-se umas marcas no olho direito que se corresponderiam com uma moeda tipo Lepton Sumpulum, entrada em circulação entre os anos 29 e 32.

A presença das duas moedas foi confirmada pelos investigadores. As moedas foram postas em circulação no tempo de Pôncio Pilatos, de maneira grosseira, com faltas de ortografia como o "C" colocado em lugar de um "K" para "Kaisaros" ("César").

Dois exemplares deste tipo de moeda contemporânea dos últimos anos da vida de Jesus têm sido descobertas com esta falta de ortografia tão inaudita como inaceitável para os cientistas ao principio. Sobre as pálpebras do homem foram descobertos dois objetos arredondados, que não são visíveis a olho nu, nem no negativo fotográfico. O pesquisador norte-americano Francis Filas, da Universidade Loyola, de Chicago, identificou um dos artefatos: trata-se de uma moeda, o lepton.

O segundo objeto foi identificado pouco depois: uma outra moeda, cunhada por Pilatos em homenagem a Júlia, mãe do imperador romano Tibério, em 29 d.C.

Colocar moedas sobre os olhos do morto, para manter as pálpebras fechadas, fazia parte dos ritos funerários judaicos da época de Jesus.

A RESSURREIÇÃO

Então Pedro e o outro discípulo saíram e foram para o sepulcro. Os dois corriam, mas o outro discípulo foi mais rápido que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. Ele se curvou e olhou para dentro, viu as faixas de linho ali, mas não entrou. A seguir Simão Pedro, que vinha atrás dele, chegou, entrou no sepulcro e viu as faixas de linho, bem como o lenço que estivera sobre a cabeça de Jesus. Ele estava dobrado à parte, separado das faixas de linho. Depois o outro discípulo, que chegara primeiro ao sepulcro, também entrou. Ele viu e creu. (João 20:3-8)

Os músculos dorsais e deltóides apareciam abaulados, e não planos como deveriam estar na espádua de um corpo morto que se apóia em uma pedra sepulcral.

Parecia que o cadáver se vaporizara, emitindo uma estranha radiação que teria sido a responsável pela formação dos sinais do Santo Sudário. É muito provável que, no momento em que se produziu a radiação, o corpo estivesse leve, em levitação, e por isso os músculos não ficaram aplainados.

O Homem abandonou o Sudário descolando-se dele, deixou-o intacto, sem a mínima alteração de suas fibras, sem arrancá-las nem modificar os traços de sangue entre o corpo e o tecido. O que é impossível acontecer com um corpo comum, sujeito às leis comuns da natureza. Um cadáver coberto de chagas não poderia jamais ser retirado do pano que o continha sem alterar o pano e os sinais nele deixados pelo sangue e pelas feridas.

Como então foi ele descolado dali deixando intactas e nítidas até as mínimas fibras do tecido que estava colado nas feridas? Este fato decisivo não é contestado por nenhuma ciência. **E ele só se explica pela Ressurreição; isto é, pela desmaterialização do corpo chagado, que se retira daquele invólucro não mais sujeito às leis impostas pela natureza.**

Não houve decomposição do corpo (indício da saída do corpo de dentro do Sudário), e as manchas de sangue revelam que o corpo não foi desenrolado.

Fonte:

<http://www.derradeirasgracas.com/3.%20V%C3%A1rios%20Assuntos/1.%20O%20SANTO%20SUD%C3%81RIO%20DE%20TURIM,.htm>



www.mariamaedaigreja.net